



ISSN: 2764-2429

Informativo Notas do CCBS

Informativo Notas do CCBS
v.04, n.04, nov./jan. 2024/2025

ISSN: 2764-2429

2024 Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS)

Os autores são responsáveis pela apresentação dos fatos contidos e opiniões expressas nesta obra.

Equipe técnica

Editor Chefe

Carlos Henrique Soares Caetano

Editora Associada

Lúcia Marques Alves Vianna

Editora assistente

Francielly de Andrade Motta

Editor Assistente

Maicon de Souza Daiha

Informativo Notas do CCBS/Centro de Ciências Biológicas e da Saúde

-Vol. 4, n. 4 (2024) - Rio de Janeiro: CCBS/UNIRIO, 2024 - Trimestral.

1. Informativo Notas do CCBS - Periódicos. I. Brasil, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde.

CDU 57 (05)

CDD 570

Centro de Ciências Biológicas e da Saúde

Decania do CCBS

Rua Silva Ramos, 32

CEP: 20270-330

Tijuca, Rio de Janeiro, RJ

Telefone: (21) 2264-6406

Objetivo da publicação

O Informativo Notas do CCBS tem o objetivo principal de divulgação das ações e atividades desenvolvidas no CCBS.

O Informativo irá reunir textos inéditos de autoria da comunidade acadêmica do Centro: Professores e Técnicos divulgarão suas investigações, colaborações e projetos; os Professores Eméritos poderão destacar aspectos da Memória da instituição e de suas trajetórias profissionais. Enfim, comunicar é preciso. E convidamos todo o CCBS a se unir nessa iniciativa.

Instrução aos Autores

1. Submeter o manuscrito eletronicamente através do e-mail: ccbs@unirio.br, com o assunto: **NOTAS DO CCBS**.
2. O teor científico do trabalho é de responsabilidade dos autores, assim como a correção gramatical.
3. O manuscrito, redigido em português, deve ter formato A4, em fonte "Arial", tamanho 14, espaçamento 1,5 entre linhas.
4. Os trabalhos devem conter os tópicos: título; nomes dos autores (nome e sobrenome por extenso e demais preferencialmente abreviados); unidade de lotação (escola/instituto e departamento de ensino); ano de ingresso na UNIRIO; link do lattes; endereço de e-mail para contato (preferencialmente institucional da UNIRIO).
5. A organização do texto deve seguir da seguinte maneira: **Introdução, Desenvolvimento, Considerações Finais e Referências** (de acordo com a ABNT NBR 6023).
6. Não usar notas de rodapé.
7. Enviar o arquivo de texto em Microsoft Word (*.doc ou docx). As imagens devem ser enviadas como anexo (jpeg, tiff, png) numeradas seguindo a ordem do texto.
8. Os artigos estarão na página da Decania do CCBS, disponível em: <http://www.unirio.br/ccbs/informativo-notas-do-ccbs>

SUMÁRIO

Catálogo Taxonômico da Fauna do Brasil (CTFB): a contribuição do Instituto de Biociências da UNIRIO para o inventário da biodiversidade zoológica no país

Carlos Henrique S. Caetano, Allan Paulo M.dos Santos, Igor Christo Miyahira, Maria Inês da S. dos Passos, Maurício Romulo Fernandes; Tatiana Fabricio Maria

6

Doutora *Honoris Causa* Marilanda Lopes de Lima

Fernando Porto

31

Experiência com cinedebate no “Projeto Libras: acessibilidade para a população surda no ambiente clínico”

Débora Alves dos S. Fernandes; Beatriz Helena da S. Medeiros; João André M. Braga; Ludmila Plácido; Maria Angélica A. C. Freire Leal; Maria Eduarda M. M. Nogueira

38

Filosofia da Saúde: análise de conjuntura e possíveis (re)leituras

Rossano Pecoraro

49

Catálogo Taxonômico da Fauna do Brasil (CTFB): a contribuição do Instituto de Biociências da UNIRIO para o inventário da biodiversidade zoológica no país

Carlos Henrique Soares Caetano¹, Allan Paulo Moreira dos Santos¹, Igor Christo Miyahira¹, Maria Inês da Silva dos Passos¹, Maurício Romulo Fernandes¹ & Tatiana Fabricio Maria²

¹Departamento de Zoologia, Instituto de Biociências, CCBS, UNIRIO, carlos.caetano@unirio.br

²Departamento de Ecologia e Recursos Marinhos, Instituto de Biociências, CCBS, UNIRIO, tatiana.maria@unirio.br

O Catálogo Taxonômico da Fauna do Brasil (CTFB) foi idealizado por zoólogos brasileiros com o objetivo de reunir o conhecimento gerado por meio das pesquisas com animais em todo território nacional. Desde 2015, vem sendo gerado e disponibilizado um banco de dados de fundamental importância não só para a Ciência, mas também para ações governamentais e a proposição ou aprimoramento de políticas públicas, notadamente na área de conservação ambiental. O CTFB recebe apoio de diversas instituições nacionais e estrangeiras e recursos do Ministério

do Meio Ambiente e Mudança do Clima e do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação do governo federal do Brasil (Boeger *et al.*, 2024).

Todo o conteúdo do CTFB é de acesso aberto e seus dados estão disponíveis para consulta em <http://fauna.jbrj.gov.br/>. A inserção de dados e atualização das informações é realizada pelos pesquisadores cadastrados e participantes do projeto. Mais de 800 zoólogos, especialistas nos mais diferentes grupos de animais habitantes do território brasileiro, compõem a equipe do projeto. Informações mais detalhadas sobre o CTFB podem ser obtidas em Boeger *et al.* (2024).

A UNIRIO está entre as instituições nacionais integrantes do CTFB, sendo representada por seis pesquisadores (professores e biólogos), todos do Instituto de Biociências (IBIO) e integrantes de dois departamentos: Departamento de Ecologia e Recursos Marinhos: Tatiana Fabricio Maria; e Departamento de Zoologia: Allan Paulo Moreira dos Santos, Carlos Henrique Soares Caetano, Igor Christo Miyahira, Maria Inês da Silva dos Passos e Mauricio Romulo Fernandes. Esses pesquisadores contribuem com as informações referentes a três grandes grupos de animais: os insetos, os moluscos e os nematódeos. No decorrer deste texto, será apresentada uma breve descrição dos grupos citados acima e das pesquisas realizadas na UNIRIO, além de algumas informações constantes do CTFB.

Insetos

Trichoptera

O professor Allan Paulo Moreira dos Santos (Departamento de Zoologia) participa do CTFB desde 2015 como coordenador do táxon Trichoptera. Os tricópteros são insetos aquáticos, ou seja, estão intimamente associados ao ambiente de água doce, e nas fases imaturas vivem submersos. Na fase adulta, tais insetos saem da água e, após completarem seu processo de metamorfose, adquirem a forma semelhante a uma pequena mariposa. Não ao acaso, os tricópteros constituem uma ordem de insetos cujo parente mais próximo, em termos evolutivos, é a ordem Lepidoptera, aquela que inclui as mariposas e borboletas.

Apesar de não possuírem um nome popular muito difundido no Brasil, os tricópteros são insetos comuns e bastante numerosos em ambientes como rios, cachoeiras, lagos e podem ser encontrados até em tanques de bromélias. As larvas, parecidas com pequenas lagartas, vivem dentro da água e muitas constroem casas portáteis usando seda e material do ambiente, como folhas, pequenos galhos, pequenas pedras ou grãos de areia. Por esse motivo, em algumas comunidades ribeirinhas, eles são chamados de “joão-pedreiro”. Os tricópteros, juntamente com outros insetos aquáticos, são fundamentais para a saúde ambiental, pois participam do fluxo de energia, como predadores, fragmentadores de partículas, servindo de alimento para outros animais e tantas outras etapas da ciclagem de substâncias.

No mundo, são conhecidas cerca de 17.000 espécies de Trichoptera; para o Brasil, são atualmente cerca de 1.000 (Santos et al. 2024). Com os dados do próprio CTFB, já foi possível estimar que o conhecimento sobre esses insetos no país ainda é bastante incipiente, e possivelmente exista mais de 1.600 espécies no território nacional. Isto significa que mais de 600 espécies brasileiras destes insetos existem na natureza, mas nunca foram estudadas. Pode até parecer algo simples, mas considerando a crise climática que vivemos, a rápida perda de habitats por ação humana, muitas dessas espécies podem desaparecer sem nem mesmo terem sido conhecidas e devidamente catalogadas. Com isso, a proposição de políticas de conservação ou restauração ambiental eficientes se torna algo difícil, carecendo de dados primários robustos.

A construção e manutenção do CTFB é contínua e cooperativa. No táxon Trichoptera, juntamente com o professor Allan Santos, estão atualmente outros sete pesquisadores de diversas instituições nacionais. Na UNIRIO, além da coordenação dos tricópteros no CTFB e da ativa inserção e manutenção dos dados no sistema on-line, o professor Allan coordena o Laboratório de Sistemática de Insetos, desenvolvendo, dentre as atividades de pesquisa, o projeto “Sistemática e biogeografia de tricópteros neotropicais (Insecta: Trichoptera)”. Apenas dentro deste projeto, mais de 40 espécies de Trichoptera novas para a Ciência já foram descobertas e formalmente nomeadas pelo docente e sua equipe. Com isso, tenta-se minimizar a lacuna de conhecimento que temos acerca da diversidade do grupo em nosso país.

Anexo 1 - Fotografia - Tricóptero adulto pousado sobre uma folha.



Fonte: compilação do autor

Coleoptera: Elmidae

A professora Maria Inês da Silva dos Passos (Departamento de Zoologia), especialista na ordem Coleoptera, família Elmidae, participa do CTFB desde 2016. A equipe é composta pelos seguintes pesquisadores, além da referida professora: Dra. Melissa O. Segura, Dr. Thiago T. S. Polizei e o Dr. André S. Fernandes e é coordenada pelo Dr. Vinicius S. Ferreira do CNM (“Canadian Museum of Nature”).

Os Elmidae são pequenos insetos aquáticos, mais especificamente besouros aquáticos, também chamados de “besouro de correnteza”. No Brasil, eles não possuem nome popular específico. Assim como todos os besouros, os adultos apresentam as asas anteriores em forma de estojo (élitro), mas não apresentam nenhuma característica de fácil conhecimento popular para a família. Como são indivíduos que se desenvolvem passando por transformação completa, denominada de holometabolia, suas larvas são bem diferentes dos adultos, e apresentam uma variedade de formas. O estágio de pupa, entre a fase de larva e adulto, é difícil de ser encontrado na natureza.

Os besouros de correnteza são dependentes da água em todas as etapas do seu ciclo de vida. Ou seja, suas formas juvenis (larva e pupa) e os adultos vivem dentro da água. Eles habitam rios, riachos e igarapés que são relativamente encachoeirados. Para esses insetos conseguirem viver nesses ambientes, os adultos apresentam uma estrutura especial para respiração, sendo a mesma chamada de plastrão. É uma estrutura complexa que permite que os elmídeos permaneçam debaixo da água por toda a sua vida. Tal característica o torna um bom indicador da saúde do local, uma vez que eles precisam que o rio ou riacho esteja bem conservado para ali habitarem. Entretanto, a ação humana vem comprometendo a sobrevivência dos besouros de correnteza, pois estamos perdendo nossos recursos hídricos, e com isso a perda da diversidade desses organismos.

No mundo são conhecidas aproximadamente 1.550 espécies de elmídeos, e no Brasil temos aproximadamente 200 espécies (Passos et al

, 2024). O catálogo teve um cunho positivo para o conhecimento da fauna dos besouros aquáticos. Esperamos que o catálogo consiga proporcionar dados robustos para implementação de políticas públicas de preservação dos nossos recursos hídricos e a restauração de ambientes degradados.

Anexo 2 - Fotografia - Besouro de correnteza adulto (Elmidae) no ambiente.



Fonte: Fotografia cedida pelo Dr. Frederico Falcão Sales

Anexo 3 - Fotografia - Larva de um besouro de correnteza (Elmidae).



Fonte: compilação do autor

Moluscos

O termo molusco é derivado do latim "mollusca" e é utilizado para designar animais de corpo mole como os caracóis, caramujos, lesmas, lulas, mariscos, mexilhões, ostras e polvos. Esses animais são, em sua maioria, marinhos, mas também podem ser encontrados em ambientes de água doce e na terra. Os corpos moles, com conchas externas e exuberantes, são características largamente disseminadas entre esses animais.

O Laboratório de Biodiversidade de Mollusca (LABMOLL) se dedica ao estudo dos moluscos na UNIRIO. Sua equipe inclui os pesquisadores

Carlos Henrique Soares Caetano, Igor Christo Miyahira e Maurício Romulo Fernandes, que integram o CTFB do táxon Mollusca. A equipe de Mollusca do CTFB é formada por 43 pesquisadores e é coordenada pelo biólogo da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Fabrizio Marcondes Machado. A tabela 1 apresenta alguns dados do CTFB sobre a riqueza de espécies para os diferentes grupos de moluscos.

Anexo 4 - Tabela - Biodiversidade de moluscos no Brasil.

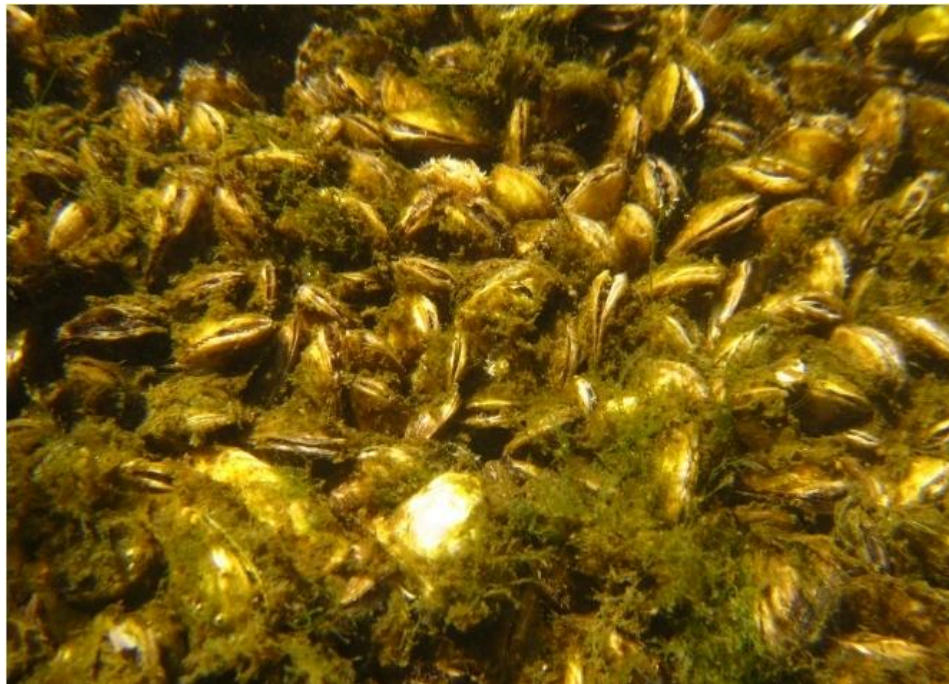
Táxon	Nome vulgar	Número de espécies
Aplacophora	aplacóforo	16
Bivalvia	marisco, mexilhão, ostra	629
Cephalopoda	lula, polvo	92
Gastropoda	caracol, caramujo, lesma	2.737
Polyplacophora	quíton	35
Scaphopoda	dentálio	43
TOTAL		3.552

Fonte: (Machado et al., 2023).

As pesquisas no LABMOLL podem ser divididas em dois ramos básicos: um com foco nas espécies nativas e outro com foco em espécies invasoras. Na primeira vertente, os diferentes membros do laboratório abordam diferentes grupos taxonômicos. Os moluscos de água doce são

estudados por Igor Christo Miyahira, os dentálios por Carlos Henrique Soares Caetano e os caramujos (marinhos e terrestres) por Maurício Romulo Fernandes. Esses estudos serão detalhados no texto abaixo. Por sua vez, as espécies invasoras são usualmente estudadas em trabalhos em parceria pela equipe do laboratório e também incluindo colaboradores externos. Entre as espécies invasoras estudadas, se destaca o mexilhão-invasor *Mytilopsis leucophaeata*. Esta espécie tem colonizado diversos estuários do Brasil e seus impactos e dispersão têm sido acompanhados pela equipe do LABMOLL.

Anexo 5 - Fotografia - Denso aglomerado do mexilhão invasor *Mytilopsis leucophaeata* na Lagoa Rodrigo de Freitas, Rio de Janeiro



Fonte: compilação do autor

Linha de Pesquisa 1: Diversidade e conservação de moluscos de água doce

Coordenação: Igor Christo Miyahira

Esta linha de pesquisa é focada nos mariscos de água doce (Unionida). Os mexilhões possuem sua concha dividida em duas partes articuladas que protegem todo o seu corpo mole. Apesar de tradicionalmente associados aos ambientes marinhos, como os mexilhões e ostras que vemos comumente na praia, também existe uma grande diversidade nos rios e lagos. Em Machado *et al.* (2023) são indicadas 116 espécies para o Brasil, incluindo seis espécies invasoras. Estes animais possuem um exclusivo ciclo de vida que inclui um estágio parasita de peixes. Essa carona no peixe ajuda esses animais a dispersarem a outras áreas favoráveis em rios e lagos. Além disso, esses animais prestam importantes serviços ecossistêmicos. Entre estes, destaca-se a filtragem da água, ciclagem de nutrientes, bioturbação e abrigo para outras espécies. Desta forma, são importantes para o pleno funcionamento dos ecossistemas de água doce. Contudo, estes animais também estão entre os mais ameaçados de extinção. A modificação do habitat, assim como a introdução de espécies invasoras são as principais ameaças. Assim, os estudos realizados no LABMOLL visam compreender melhor a nossa diversidade, assim como gerar conhecimento que nos permita elaborar estratégias de mitigação de impactos.

Anexo 6 - Fotografia - Bivalves de água doce coletados durante um trabalho de campo na bacia do rio Uruguai (Rio Grande do Sul).



Fonte: compilação do autor

Anexo 7 - Fotografia - As mudanças climáticas promovidas pelo homem têm levado a severas alterações dos ambientes naturais, incluindo secas mais severas, como exemplificadas pela imagem acima. Estas são grandes ameaças à sobrevivência dos bivalves de água doce.



Fonte: compilação do autor

Linha de pesquisa 2: Sistemática da classe Scaphopoda (Mollusca)

Coordenação: Carlos Henrique Soares Caetano

Os moluscos escafópodes (Scaphopoda) são animais exclusivamente marinhos, caracterizados pelo corpo alongado e recoberto por uma concha tubular, em formato de cone, com algum grau de curvatura e aberta em ambas as extremidades. Essa linha de pesquisa trata do estudo da diversidade desses animais e de sua classificação com base em dados da anatomia e da concha, incluindo a abordagem baseada em morfometria da concha. O material utilizado nesse estudo é proveniente principalmente de coleções científicas. Uma outra importante fonte de material para essa linha de pesquisa são as amostras oriundas de estudos de caracterização ambiental em áreas oceânicas com profundidades variando de 50 a 3.000 metros de profundidade, como parte do processo de licenciamento ambiental em áreas de extração de petróleo.

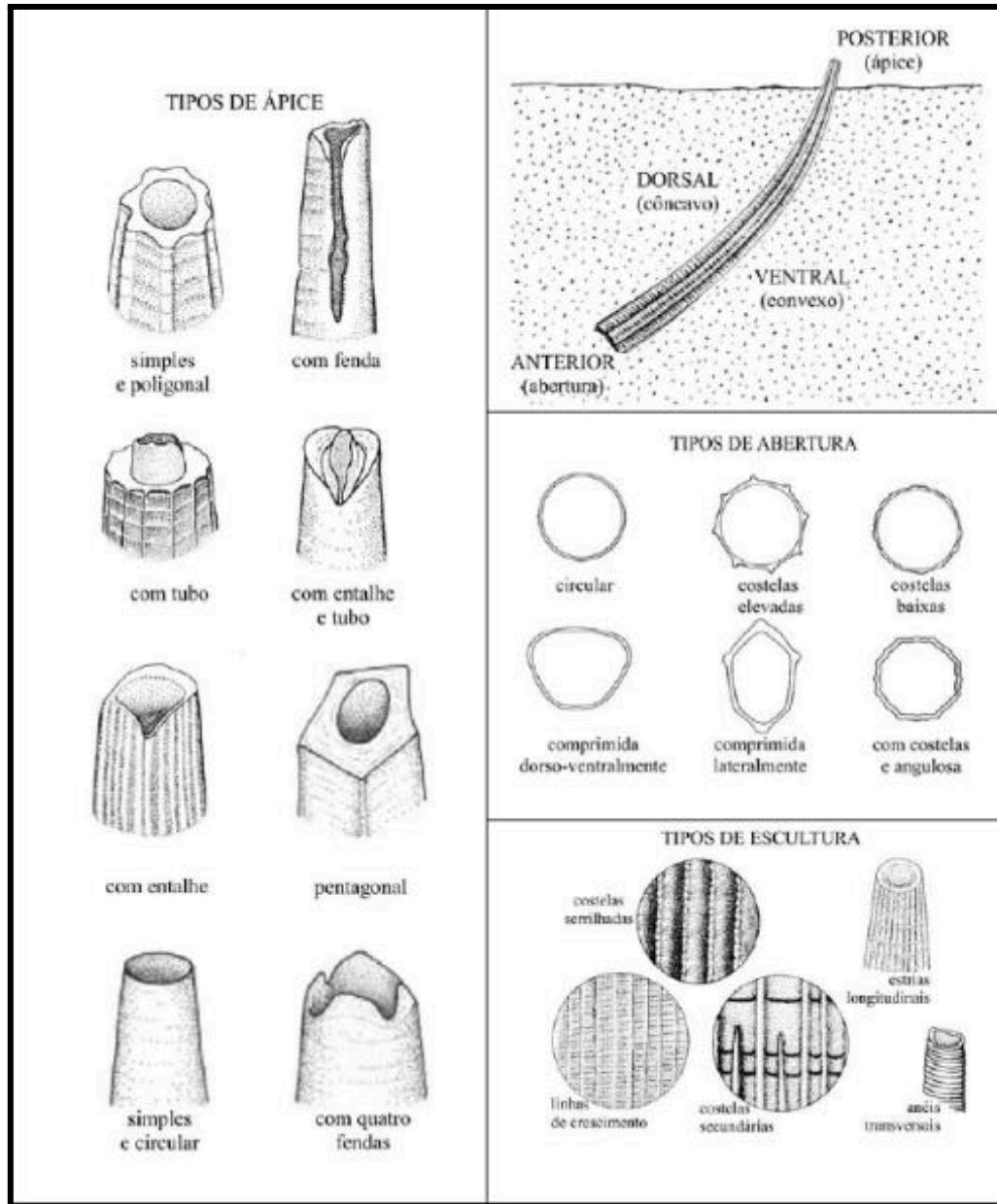
Linha de pesquisa 3: Taxonomia integrativa e conservação de gastrópodes marinhos e terrestres

Coordenação: Maurício Romulo Fernandes

Moluscos representam o segundo maior filo animal em termos de riqueza de espécies, e entre 75% a 80% dos moluscos são gastrópodes, isto é, caramujos, caracóis e lesmas (Ponder et al. 2020), evidenciando a importância destes animais nas teias alimentares. Os gastrópodes atuam

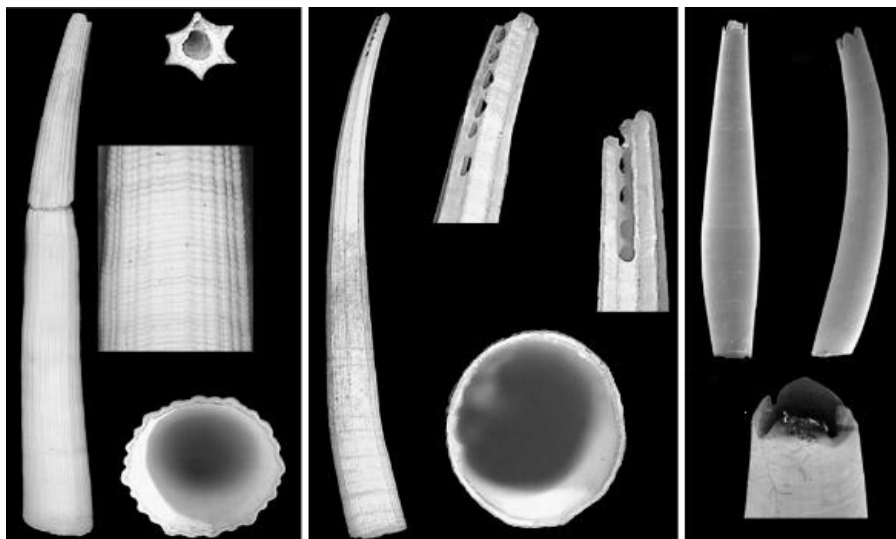
como predadores, necrófagos, parasitas, herbívoros ou detritívoros, e também servem de alimento para muitos animais (como é o caso do escargot, consumido por humanos). A enorme diversidade de espécies em Gastropoda tem sido seriamente afetada pelo sexto evento de extinção em massa. Para as espécies marinhas, destaca-se os impactos locais em recifes de corais (que abrigam a maior diversidade de gastrópodes) e os potenciais efeitos do aquecimento global e acidificação dos oceanos, enquanto as espécies terrestres sofrem com o desmatamento e alteração de hábitat. Esta linha de pesquisa centra na taxonomia integrativa de gastrópodes, usando dados genéticos e morfológicos para compreendermos quem são as espécies, e desde 2011 já gerou a descrição de 41 espécies novas. Nos últimos anos, uma vertente que vem sendo intensificada é a de estudar complexos de espécies marinhas ao longo do Atlântico Oeste. No ambiente terrestre, há tanto a orientação de alunos com a revisão taxonômica de gastrópodes terrestres no Brasil quanto a condução de estudos mais locais, e.g., com inventários taxonômicos (com barcode de DNA) dos gastrópodes de certas unidades de conservação. A Figura 10 ilustra alguns dos gastrópodes que tem sido estudados no âmbito dessa linha de pesquisa.

Anexo 8 - Imagem - Ilustrações sobre a concha tubular dos moluscos escafópodes exibindo variações no formato das aberturas (abertura e ápice) e das esculturas na superfície da concha.



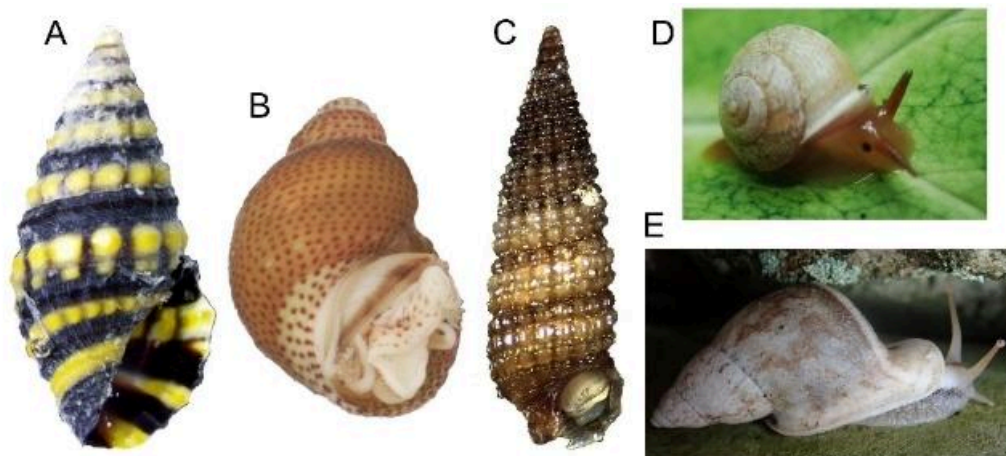
Fonte: (Reproduzido de Lamprell & Healy, 1998 e Caetano & Pimenta, 2004).

Anexo 9 - Imagem - Conchas de três espécies de escafópodes com ocorrência no Brasil: *Coccodentalium carduus* (à esquerda), *Pertusiconcha callithrix* (no centro) e *Polyschides tetraschistus* (à direita).



Fonte: compilação do autor

Anexo 10 - Imagem - Exemplos de gastrópodes marinhos sob estudo, dos gêneros *Pilsbryspira* (A), *Eulithidium* (B) e *Cerithiopsis* (C). Exemplos de gastrópodes terrestres sob estudo, dos gêneros *Helicina* (D) e *Cochlorina* (E).



Fonte: compilação do autor

Nematódeos

A docente Tatiana Fabricio Maria (Departamento de Ecologia e Recursos Marinhos) passou a integrar o CTFB mais recentemente, em 2023, e coordena juntamente do Prof. André Morgado Esteves da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e da Dra. Melissa Cárdenas (FIOCRUZ) a área/táxon Nematoda. A equipe encarregada dessa área é formada ainda por mais 16 pesquisadores de diferentes instituições de ensino e pesquisa brasileira. Dentre os pesquisadores, somente Tatiana e André são especialistas em nematódeos de vida-livre.

Os nematódeos são vermes redondos, lembrando um fio de cabelo, e representam um dos grupos mais numerosos dentre os filós animais conhecidos. Esses organismos podem ser encontrados em qualquer ambiente desde que haja uma pequena lâmina de água que permita sua locomoção. No entanto, algumas espécies podem sofrer anidrobiose, isto é, suspensão ou redução das atividades metabólicas decorrente da ausência ou diminuição de água no ambiente. A primeira citação de um nematódeo data de 2700 a.C., sendo relatada no livro “Princípios de Medicina Interna do Imperador Amarelo”, um marco na história da civilização chinesa, que descreveu os sintomas e tratamentos da lombriga.

Anexo 11 - Imagem - Imagem de microscopia ótica de *Caenorhabditis elegans* ilustrando o corpo vermiforme típico de um nematódeo. Fonte: Sociedade Brasileira de Nematologia



Fonte: Sociedade Brasileira de Nematologia

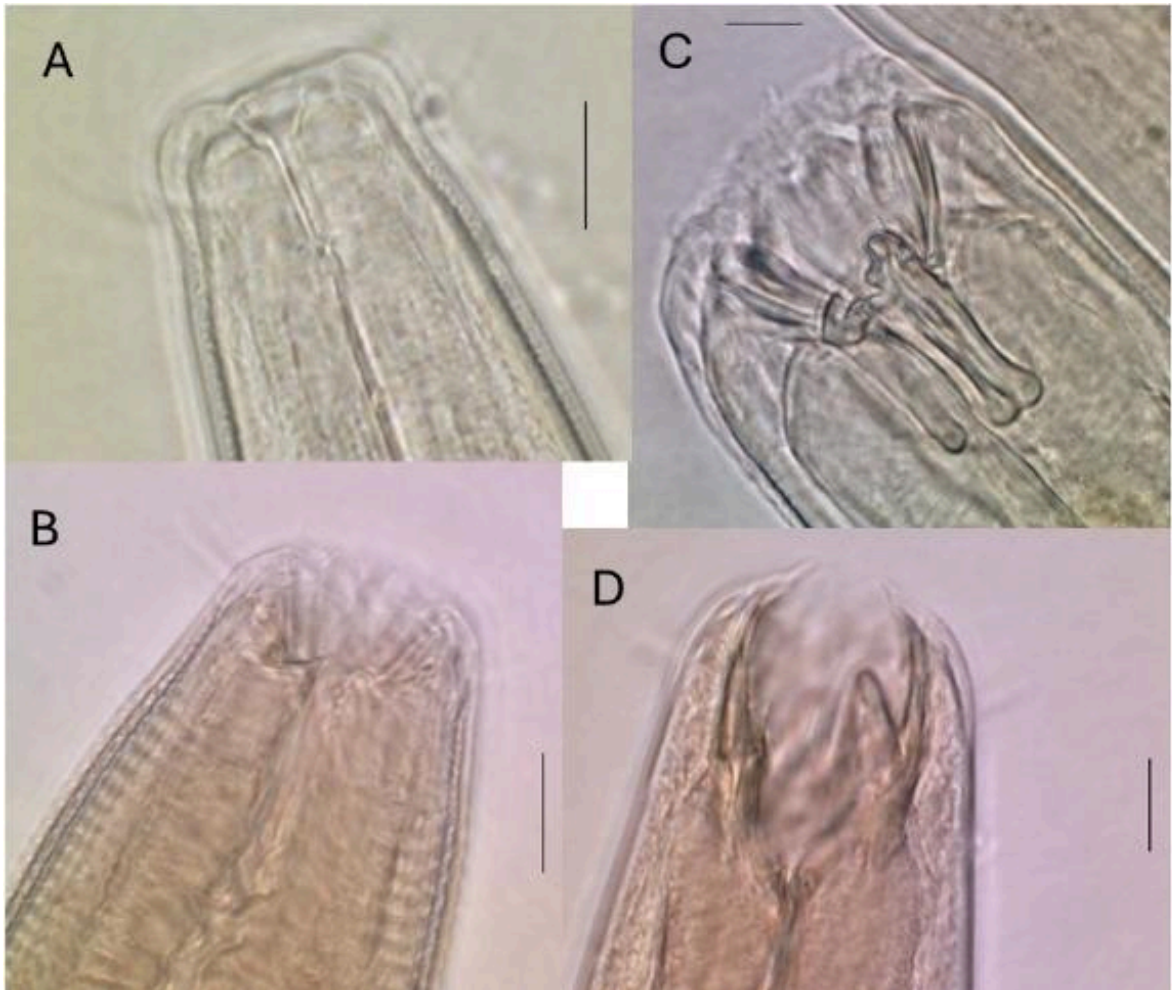
As espécies de nematódeos são tradicionalmente categorizadas em dois grandes grupos: os parasitas (de vertebrados, invertebrados e plantas) e os de vida-livre, que ocorrem no ambiente marinho, dulcícola e terrestre. No caso dos parasitas, eles apresentam importância médica (*Ascaris lumbricoides*), na medicina-veterinária (*Ancylostoma caninum*), na agronomia (*Meloidogyne* spp.) e no controle biológico de outros invertebrados conhecidos como pragas de diversas culturas alimentares (*Steinernema carpocapsae*) e são numericamente maiores em termos de representação dentro do filo. Esses dois grupos apresentam representantes nas três classes de nematódeos: Enoplea, Chromadorea e Dorylaimea, que foram recentemente estabelecidas baseadas na espermatogênese e no desenvolvimento embrionário (Hodda, 2022).

Inf. N. CCBS, Rio de Janeiro, v.04, n.04, p.6-30, nov./jan. 2024/2025

Atualmente são conhecidas aproximadamente 29 mil espécies de nematódeos (Hodda, 2022), mas as estimativas mais pessimistas indicam que esse grupo possui meio milhão de espécies, enquanto as mais otimistas sugerem 10 milhões de espécies. Dentre as espécies de nematódeos, o *C. elegans* é a mais “famosa”, pois se tornou organismo-modelo de estudos genômicos e foi, também, o primeiro organismo multicelular a ter seu genoma sequenciado no final do século XX.

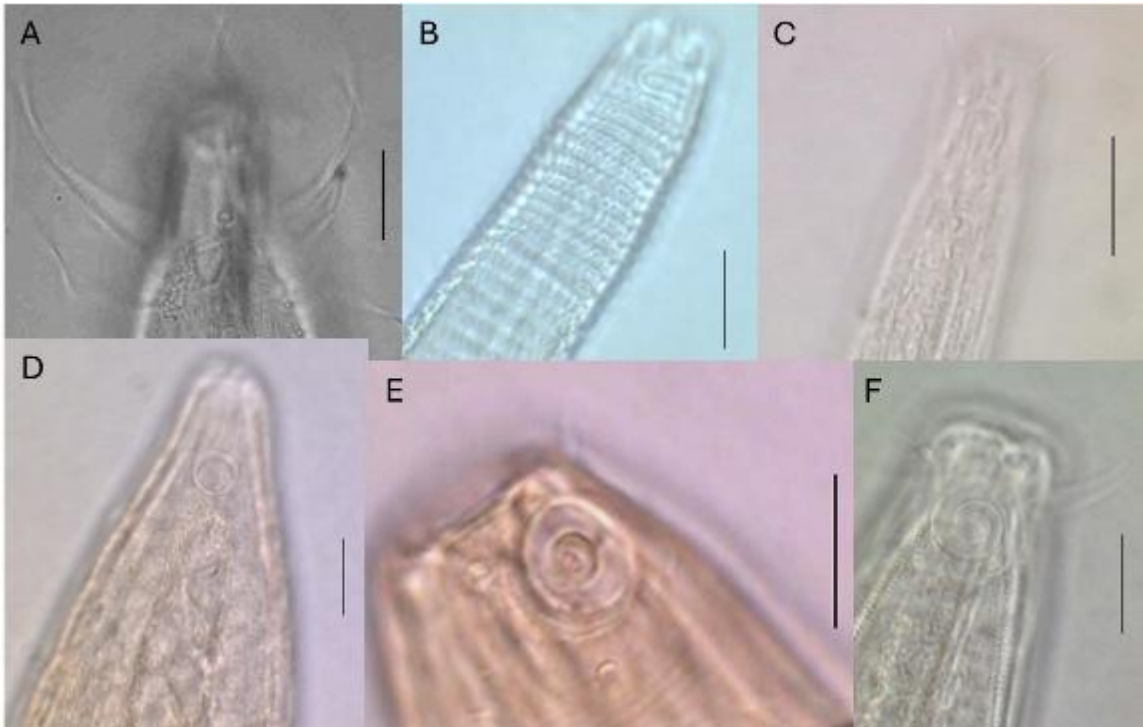
Embora o filo apresente uma elevada importância econômica e ecológica, a taxa de descrição de espécies por ano é relativamente baixa, compreendendo 400 espécies/ano. Acredita-se que o baixo interesse na descrição das espécies esteja associado ao tamanho diminuto dos animais e a dificuldade de identificá-los, principalmente, no caso das espécies parasitas que apresentam uma morfologia interna e externa mais simples carecendo de detalhes morfológicos que são exclusivamente encontrados nos organismos de vida livre, como a variedade dos aparatos bucais e a diversidade de anfídeos (i.e., órgão sensorial típico desses animais). Dados do CTFB indicam que esse grupo representa o quarto filo mais diverso na plataforma com a ocorrência de 1,5 mil espécies de nematódeos no Brasil (Boeger et al. 2024). Tais dados indicam uma baixa diversidade e contrariam o fato de muitas espécies serem consideradas cosmopolitas, como no caso dos organismos de vida-livre.

Anexo 12 - Imagem - Variação da morfologia do aparato bucal dos nematódeos marinhos de vida-livre A: *Sabatieria* - cavidade bucal pequena e sem dentes, B: *Longicyatholaimus* - cavidade bucal e com dente pequeno, C: *Choanolaimus* - cavidade bucal grande com mandíbula em formato de barra e D: *Metoncholaimus* - cavidade bucal grande com presença de dentes grandes. Barra de escala: 10µm.



Fonte: compilação do autor

Anexo 13 - Imagem - Ilustração dos diferentes tipos de anfídeos que ocorrem nos nematódeos marinhos de vida-livre. A: formato de taça - *Trileptium*, B: elipse - *Actinonema*, C: laço - *Axonolaimus*, D: redondo - *Haliplectus*, E: espiral única - *Metachromadora*, F: multiespiral - *Sabatieria*. Barra de escala: 10µm



Fonte: compilação do autor

Os projetos de pesquisa da Profa. Tatiana Maria estão associados ao estudo dos nematódeos de vida-livre devido a grande importância ecológica que o grupo apresenta em diferentes redes tróficas, na influência nos processos de decomposição e de ciclagem de carbono e nutrientes, além do seu uso como bioindicadores e indicadores de propriedades ecossistêmicas, como a resiliência e “hostspot” de diversidade. Atualmente a professora coordena três projeto financiados

pela FAPERJ: (1) Caracterização da nematofauna de praias arenosas cariocas: subsídios para o entendimento das mudanças climáticas; (2) BioMeioMar: biodiversidade taxonômica e molecular da meiofauna das praias arenosas brasileiras – testando padrões latitudinais de distribuição; (3) Avaliação do uso de epibiontes como indicadores da saúde ecossistêmica em áreas de alimentação de tartarugas-verdes (*Chelonia mydas*, Linnaeus 1758) na costa fluminense. Embora todos os projetos tenham um cunho ecológico, é sempre possível que novas espécies sejam encontradas durante a identificação do material, contribuindo assim para o aumento do conhecimento sobre a diversidade do grupo em território nacional.

Conclusão

O Brasil é um país megadiverso, com uma área territorial englobando cinco biomas e sete mil quilômetros de extensão costeira e o CTFB tem sido uma importante ferramenta para os diferentes especialistas, facilitando seus estudos na área de Zoologia.

Além disso, um bom conhecimento acerca da nossa biodiversidade é fundamental para políticas públicas eficazes na preservação do meio ambiente e uso sustentável dos recursos. O CTFB tem cada vez mais atraído a atenção, não apenas de pesquisadores preocupados em estudos nas ciências biológicas, mas também em temas de educação, antropologia, saúde e tantos outros.

O cenário atual de elevada perda da biodiversidade no Brasil e no Mundo é muito preocupante. Temas como segurança alimentar, energética, hídrica e climática; proteção contra erosão, enchentes, deslizamentos e outros desastres socioambientais; proteção natural contra pragas no campo e doenças nas cidades; potencial para a descoberta de novos fármacos, cosméticos e outros produtos naturais; preservação de culturas, saberes e costumes de populações tradicionais; beleza paisagística; oportunidades de negócios ligados ao ecoturismo; lazer e bem-estar social, estão intimamente ligados à biodiversidade e sua preservação.

Desta forma, o pleno conhecimento da biodiversidade brasileira é tema essencial para melhoria na qualidade de vida e bem-estar social e deve receber atenção de destaque se quisermos minimizar os impactos da crise climática da qual já sentimos os impactos. Iniciativas como o CTFB, o Flora e Funga do Brasil (<https://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/listaBrasil/PrincipalUC/PrincipalUC.do;jsessionid=B78976E761962819ACC7693CDB976685#CondicaoTaxonCP>), a Lista de Microorganismos do Brasil e a Lista de Fósseis do Brasil estão em sintonia com essa meta.

Referências

BOEGER, W. A., *et al.* Catálogo Taxonômico da Fauna do Brasil: setting the baseline knowledge on the animal diversity in Brazil. *Zoologia*, v. 41, p. e24005, 2024.

HODDA, M. Phylum Nematoda: a classification, catalogue and index of valid genera, with a census of valid species. *Zootaxa*, vol. 5114, n. 1, p. 1-289, 2022.

MACHADO, F. M., *et al.* How many species of Mollusca are there in Brazil? A collective taxonomic effort to reveal this still unknown diversity. *Zoologia*, v. 40, p. e23026, 2023.

PASSOS, M. I., *et al.* Elmidae. Catálogo taxonômico da fauna do Brasil. Rio de Janeiro: Jardim Botânico do Rio de Janeiro. 2024.

PONDER, W. F.; LINDBERG, D. R.; PONDER, J. M. *Biology and Evolution of the Mollusca*. CRC Press, 1st edition, 924pp. 2020.

SANTOS, A. P. M., *et al.* Trichoptera. Catálogo taxonômico da fauna do Brasil. Rio de Janeiro: Jardim Botânico do Rio de Janeiro. 2024.

DOUTORA *HONORIS CAUSA* MARILANDA LOPES DE LIMA

Fernando Porto

Professor Titular, Departamento de Enfermagem Materno-Infantil, Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, CCBS, UNIRIO, fernando.porto@unirio.br

Em 15 de agosto de 2022, deu-se início ao processo de número 23102.003048/2022-41 para que a Profa. Marilanda Lopes de Lima pudesse hoje, em sessão pública, ser reconhecida pela comunidade acadêmica como Doutora *Honoris Causa* em virtude do seu caminhar acadêmico, sociocultural e político.

A Enfermeira Doutora Marilanda Lopes de Lima, formou-se na Escola de Enfermagem Alfredo Pinto/UNIRIO na década de 1970. À época, foi estudante da Professora Emérita da UNIRIO, saudosa Anna Grijó - docente do Departamento de Enfermagem Materno-Infantil.

Anexo 14 - Fotografia - A homenageada, Profa. Marilanda Lopes de Lima, e o Reitor da UNIRIO, Prof. José da Costa Filho, durante a solenidade.



Fonte: compilação do autor

Após a formatura trilhou por caminhos desde a prática assistência, gestão e ensino com exercício na Faculdade de Enfermagem da UERJ e Universidade de Vassouras.

A Doutora Marilanda foi protagonista no que fez. Por exemplo, foi a primeira presidenta da Associação Brasileira de Obstetristas e Enfermeiros Obstetras (ABENFO), inclusive com registro em tese de doutorado, intitulada "A Criação da Associação Brasileira de Obstetristas e

Enfermeiros Obstetras (ABENFO)", defendida em 2014, pelo Doutor Ricardo José Oliveira Mouta.

Em síntese, a produção técnica e científica consta em seu currículo lattes, além da atuação no Sindicato dos Enfermeiros do Município do Rio de Janeiro (1978-1981) e no Conselho Regional de Enfermagem do Rio de Janeiro (1993-1995).

Na prática, como enfermeira obstetra, podemos afirmar mais de 5.000 partos institucionais e domiciliares.

Nesta breve narrativa, cabe destacar a sua luta em prol dos direitos das mulheres e pessoas grávidas na sociedade. Isto é refletir no tempo presente sobre o que acontece nas instituições de saúde sobre a vulnerabilidade, que não pode ser silenciada e precisa ser dita e repetida cada vez mais em diversos espaços socioculturais e políticos. Trata-se de ferida exposta no tecido social em nossa realidade.

A Doutora Marilanda Lopes de Lima com sua voz em tom baixo, gestualidade elegante e comportamento gentil, foi e é firme em suas ações e posicionamento ao permanecer no atendimento às pessoas.

Anexo 15 - Fotografia - Professora Marilanda Lopes de Lima de posse do diploma de
Doutora *Honoris Causa*.



Fonte: compilação do autor

Ademais, tem em suas veias o empreendedorismo, aliás, forte vertente atual no campo da Enfermagem, quando no passado era vista com certo olhar de desconfiança. Isto mostra seu olhar ousado, a sua maneira, ao desafiar o passado na busca de um futuro diferenciado. Teve/tem os que criticam, mas entendemos os posicionamentos, pois a unanimidade é na voz corrente burra.

Isso significa os múltiplos olhares do tempo vivido de um caminhar de mulher, o que nos faz conduzir, em metáfora, a rainha no jogo de

xadrez, por ser decisiva na defesa em seus movimentos variados, enquanto as demais peças se movimentam de forma limitada.

Doutora Marilanda Lopes de Lima é mulher assumida na identidade sexual e de gênero, quando a coragem abre caminhos, antes não percorridos por muitos, como uma bandeirante que desbrava o território para que outros/as venham a trilhar. Logo, ela precisa ser realçada, mas não pelos feitos como em uma ilusão biográfica como cita o sociólogo Pierre Bourdieu (Passeggi, 2014), mas sim pelas vidas que ajudou a trazer ao mundo, às vezes, sem bem saber e/ou conhecer a família na sua integridade do rebento, mas na certeza de que a vida possibilita esperanças.

O presente título outorgado é dar voz e visibilidade a ela, egressa da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, e ao mesmo atender ao apelo Michelle Perrot em suas obras, intituladas "Minha história das Mulheres" (Perrot, 2007) e "As mulheres ou os silêncios da história" (Perrot, 2005). Neste sentido, é reacender a brasa do fogo adormecido, como bem cita Carlo Ginzburg na obra "Nenhuma ilha é uma ilha" (Ginzburg, 2004).

Reconhecer o título de Doutora *Honoris Causa*, a Enfermeira e a Professora, Marilanda Lopes de Lima não se trata de uma homenagem como muitos podem pensar, mais sim reconhecer o que fez e faz, especialmente, quando isto ocorre nas dependências da UNIRIO, onde um dia passou para apreender e na atualidade a mesma comunidade a reconhece. Assim, é uma alfrediana resiliente, não nega o DNA histórico de uma instituição de ensino de tradição e centenária.

Desta forma, agradeço o presente espaço, bem como a presença de quem esteve no rito, tais como: colegas, amigos, familiares, ex-estudantes, o corpo social da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, os membros do CCBS, do CONSEPE e do CONSUNI da UNIRIO e aqueles leitores do texto em apreço.

Para quem esteve presente a emoção ficará registrada na memória e para você leitor com mais uma página que a UNIRIO escreve em sua trajetória institucional, quando uma mulher preta, guerreira, aguerrida ela representa para a Enfermagem brasileira.

O meu, o nosso, muito obrigado e axé dos elementos da natureza e, especialmente, das águas na luz de seu caminhar!

Esse texto corresponde a uma adaptação do discurso proferido pelo Prof. Fernando Porto em saudação à homenageada com o título honorífico em sessão solene conjunta dos Conselhos Universitários da UNIRIO realizada no dia 08 de novembro de 2024 no auditório Vera Janacópulos.

Referências

GINZBURG, C. Nenhuma ilha é uma ilha. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

PASSEGGI, M.C. Pierre Bourdieu: da “Ilusão” à “Conversão” Autobiográfica. Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, v. 23, n. 41, p. 223-235, 2014.

PERROT, M. As mulheres ou os silêncios da história. Bauru: EDUSC, 2005.

PERROT, M. Minha história das mulheres. São Paulo: Contexto, 2007.

EXPERIÊNCIA COM CINEDEBATE NO “PROJETO LIBRAS: ACESSIBILIDADE PARA A POPULAÇÃO SURDA NO AMBIENTE CLÍNICO”

Débora Alves dos S. Fernandes¹, Beatriz Helena da S. Medeiros², João André M. Braga², Ludmila Plácido², Maria Angélica A. C. Freire Leal², Maria Eduarda M. M. Nogueira²

¹Professora Adjunta, Departamento de Homeopatia e Terapêutica Complementar, Escola de Medicina e Cirurgia, CCBS, UNIRIO, debora.fernandes@unirio.br

²Discentes do curso de Medicina, Escola de Medicina e Cirurgia, CCBS, UNIRIO.

Introdução

De acordo com dados do IBGE (2019), 5% da população brasileira possui algum tipo de deficiência auditiva. Isso corresponde a mais de 10 milhões de cidadãos brasileiros. Dentro desse grupo, 2,7 milhões enfrentam surdez profunda, ou seja, não possuem nenhuma capacidade auditiva. Apesar de constituírem parcela significativa da sociedade, os surdos ainda enfrentam inúmeras dificuldades, dentre elas: questões relativas a aspectos linguísticos, a perda do conteúdo preciso do “mundo ouvinte”, a perda da confidencialidade, desrespeito à inteligência do surdo e falta de propagação de informações sobre surdez (Lemos, 2024).

O bloqueio de comunicação entre surdos e profissionais da saúde pode ser considerado um obstáculo para a comunidade surda ao procurar serviços de saúde. Tal fato pode comprometer a qualidade de vida e saúde dessas pessoas, além de gerar possíveis complicações na relação médico-paciente, confiança no profissional de saúde e adesão ao tratamento (Magrini e Santos, 2014).

Dessa forma, o “Projeto Libras: acessibilidade para a população surda no ambiente clínico” visa sensibilizar, conscientizar e capacitar os acadêmicos do curso de Medicina da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) a respeito da necessidade de estabelecimento de uma comunicação eficaz com a população surda no ambiente clínico. Além disso, o projeto promove a discussão sobre a importância da acessibilidade na área da saúde, destacando os desafios enfrentados pela população surda. Essas ações promovem aprimoramento das habilidades linguísticas de futuros profissionais da saúde para uma comunicação eficaz com a comunidade surda, contribuindo para um ambiente mais inclusivo.

O cinema, por sua vez, é uma forma de arte e, como tal, deve ser incluída na forma de linguagem e didática para despertar a humanização em Medicina, pois amplifica e torna mais palpável o interesse dos estudantes pelas histórias de vida dos personagens, desenvolvendo empatia pelo tema proposto e pela população surda, público-alvo do Projeto (Oliveira, 2012; Liber, 2014; Sá e Torres, 2014).

A partir da concepção de que o cinema é uma forma rápida de narrativa e de impacto, quando associada a posteriores discussões, faz

com que os alunos complementem seus pontos de vista com próprias histórias pessoais. As vivências cinematográficas criam, no estudante, uma atitude reflexiva que, por estar ancorada num idioma de fácil recordação, atrelado a situações concretas e perpassado de atitudes perante a vida, o faz continuar no processo de reflexão durante o seu cotidiano (Oliveira, 2012; Liber, 2014; Sá e Torres, 2014).

Além disso, a capacidade de um indivíduo em relembrar os conhecimentos adquiridos em sala de aula aumenta quando o material é aprendido por meio de métodos participativos, como, por exemplo, as palestras com apresentações visuais e verbais, dramatizações, casos práticos e filme (Oliveira, 2012; Liber, 2014; Sá e Torres, 2014).

O filme escolhido para o cine debate foi "La Famille Bélier", de Eric Lartigau. Ele retrata o cotidiano e o trabalho no campo de uma família francesa surda e sua relação com o mundo ouvinte. Apenas um de seus membros é ouvinte: Paula, uma adolescente de 16 anos, a intérprete indispensável da família, que trabalha na fazenda familiar e a ajuda a vender, nos finais de semana, o queijo produzido por eles. Na escola, a jovem descobre a paixão pelo canto e terá que escolher entre continuar sendo a intérprete da família ou ir estudar canto em uma outra cidade. Além de versar sobre partidas e rupturas que acontecem ao longo da vida e a posição do sujeito diante delas, o filme aborda a existência de dois mundos diferentes e a problemática da comunicação entre eles.

Justificativa

A carência de integração da Libras no contexto social e, particularmente, no ambiente acadêmico, leva à formação de lacunas significativas para a plena implementação da Lei nº 14.191, de 2021, que incorpora a Educação Bilíngue de Surdos à Lei Brasileira de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 1996, 2021) como uma modalidade de ensino autônoma. Em adendo, apesar da existência de amparo legal para assegurar o direito das pessoas com deficiência auditiva de receberem atendimento em serviços de saúde por profissionais habilitados no uso da Libras ou na sua tradução e interpretação em todas as Unidades Básicas de Saúde (UBS) ligadas ao Sistema Único de Saúde (SUS) no Brasil, a falta de preparo dos profissionais de saúde pública para lidar com pacientes surdos dificulta a comunicação, resultando em menos atendimentos devido à dificuldade de entender os médicos e ao desconforto durante as consultas (Lezzonil, 2004; Ubido *et al.*, 2002; Kuenburg, 2016).

Diante dessa perspectiva, faz-se essencial promover e tornar obrigatória o acréscimo do ensino de Libras nos currículos dos cursos de graduação na área da saúde, como é o caso de Medicina, além de capacitar os profissionais que atuam na prática desses serviços, como hospitais, clínicas e laboratórios. Esses projetos e propostas devem estar fundamentados nos princípios da humanização e da inclusão, visando impactar positivamente estudantes, docentes, profissionais de saúde e a comunidade surda, de forma a garantir atendimentos e tratamentos dignos e de qualidade. Com essa abordagem, fomenta-se a

acessibilidade nesses ambientes, além da implementação efetiva de direitos fundamentais para a população surda.

Em complemento, é de suma importância que as instituições de ensino superior adotem políticas que estimulem a aprendizagem contínua e a atualização dos conhecimentos na área de Libras, tanto direcionados para os estudantes quanto para os profissionais atuantes. Nesse sentido, destaca-se a oferta de cursos de extensão e programas de formação continuada com ênfase na prática da Libras no ambiente da saúde.

A validação dessas propostas contribuirá para a formação de instituições de ensino e serviços de saúde mais abrangentes e inclusivos, de forma a pôr em prática efetivamente o princípio de equidade do Sistema Único de Saúde (SUS). Ambientes, então, em que a comunicação entre trabalhadores e pacientes são eficazes e respeitadas, promovendo assim, a equidade no acesso aos serviços de saúde, contemplando demandas particulares fundamentais. Por conseguinte, há notório benefício para a formação discente e profissional a articulação entre os pilares universitários de ensino, pesquisa e extensão por meio de projetos direcionados para a melhoria da compreensão de Libras e do serviço à comunidade surda (Magrini e Santos, 2014).

No sentido de aumentar a conscientização e a empatia em relação às vivências e desafios enfrentados pela população surda, a realização do cine debate com o filme "La Famille Bélier" se apresenta como uma estratégia sutil e eficaz. A proposta do projeto permite que os participantes reflitam sobre o papel fundamental da comunicação inclusiva e as barreiras enfrentadas por esse público em diferentes contextos.

Ademais, o evento confere uma oportunidade valiosa para abordar a relevância da Libras no contexto do ensino e dos serviços de saúde e para fomentar a empatia e a compreensão quanto à comunidade surda. Portanto, o cine debate no projeto de extensão não se trata apenas de uma ferramenta educativa, mas também uma atividade importante para sensibilizar e engajar os participantes, de forma reflexiva e motivadora.

Objetivo e métodos

O objetivo do cinedebate foi utilizar uma referência cultural moderna que demonstrasse o cotidiano dos surdos e levá-lo a um contexto de inclusão no ambiente clínico.

O filme escolhido e exibido na atividade extensionista foi a obra francesa dirigida por Éric Lartigau, sua estreia foi em dezembro de 2014, estrelado por Karin Viard, François Damiens, Éric Elmosino, Louane Emera e Roxane Duran.

Antes de iniciar o filme, os participantes do projeto de extensão realizaram uma breve apresentação, aos espectadores do filme, a respeito de pontos considerados essenciais ao segmento do debate. Na inscrição, foi sugerido o pagamento de um valor simbólico de cinco reais a fim de que a equipe pudesse comprar pipocas, refrigerantes, sucos e chocolate, para que a experiência de cinema fosse mais realista. O filme foi transmitido por completo e foi possível realizar uma breve conversa sobre alguns tópicos abordados.

Resultados

A partir da presença, interesse e participação dos estudantes, o cinedebate revelou-se uma ferramenta didática eficaz. Durante a exibição do filme, contamos com a participação de aproximadamente 11 acadêmicos, além dos extensionistas do projeto. Esses alunos eram tanto do ciclo básico quanto do ciclo clínico. O cinedebate ocorreu à noite, na véspera de um feriado, e enfrentamos importantes questões técnicas, começando com um atraso de uma hora em relação ao horário previsto. Além disso, o filme possui uma longa duração, aproximadamente 1 hora e 50 minutos e os espectadores escolheram assistir ao filme no original francês e legendado em português, o que trouxe mais emoção às narrativas. E mesmo diante dessas questões mencionadas, os acadêmicos permaneceram no local até o final da exibição, assistindo ao filme com atenção e uma postura ativa.

Ao final da exibição, vários alunos compartilharam relatos emocionantes e informaram que o cinedebate foi uma experiência positivamente impactante a respeito da conscientização sobre as dificuldades e conflitos que essa população enfrenta em um ambiente clínico, no qual os profissionais não possuem conhecimento técnico em Libras. Assim, tais participantes, também demonstraram interesse em participarem do projeto como extensionistas, questionando sobre ações futuras e informações acerca do próximo processo seletivo.

Sendo assim, é imprescindível a necessidade de ações que visem debater a inclusão da população surda no ambiente clínico e hospitalar, assim como, a sensibilização e capacitação de futuros profissionais de saúde. Assim, como iniciativa de trazer essa reflexão e estimular a

empatia dos acadêmicos de Medicina da Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, o projeto “Libras: acessibilidade para a população surda no ambiente clínico”, utilizou-se da ferramenta educativa, o cinema, através do cinedebate, com o filme "La Famille Bélier", a fim de propor uma reflexão profunda acerca dessa temática.

Discussão

Salienta-se que, o cinedebate, por si só, não é capaz de ensinar o conhecimento técnico necessário para tornar os acadêmicos fluentes na Língua Brasileira de Sinais (Libras). No entanto, ele tem o potencial de sensibilizá-los e incentivá-los a reconhecer a importância de buscar esse conhecimento, servindo como um estímulo para tal aprendizagem futura uma vez que o cinema, conhecido como a sétima arte, serve como um veículo para expressar nossas ideias, opiniões e sentimentos, nos permitindo nos conectar e refletir sobre o mundo ao nosso redor. Quando se trata de filmes educativos, o cinema oferece uma ferramenta versátil que pode ser aplicada tanto em ambientes formais quanto informais (Mogadouro, 2011). Outro fator importante também é a aproximação da comunidade com a universidade, sendo capaz de diminuir essa dicotomia, além de contribuir para o avanço da produção de conhecimentos sobre as temáticas abordadas, demonstrando a importância da teledramaturgia como recurso pedagógico (Lima *et al.*, 2017).

Assim como ocorre no filme, o dia a dia do surdo pode ser muito limitado devido à dificuldade de comunicação com a população em geral. No Brasil, o ensino de Libras não está difundido fora dos centros de educação especializada, para ambos surdos e não surdos, apenas uma

pequena parcela da população é fluente no idioma e no acesso ao seu ensino é bem difícil pois existem poucas vagas que são distribuídas nas turmas universitárias e poucas escolas de ensino básico com ensino do idioma (Albres, 2016; Mazzu-Nascimento, 2020)

No ambiente clínico, a necessidade de um intérprete é uma grande barreira de comunicação entre o paciente e o profissional de saúde, seja ele no atendimento à beira do leito ou ambulatorial. O filme trouxe momentos que exemplificam como a falta de uma comunicação direta com o surdo cria uma defasagem na mensagem que quer ser enviada em atendimentos ambulatoriais, criando cenas de desconforto à intérprete presente, o que criou uma barreira de comunicação entre o médico e ao paciente, no contexto cinematográfico que é comum no contexto real (Pavão, 2022).

Considerações finais

Existe interesse da comunidade acadêmica em relação à temática Língua Brasileira de Sinais (Libras) e a acessibilidade da população surda no ambiente clínico a partir do ensino de Libras aos profissionais da área da saúde. Dessa forma, por meio das percepções expressas pelos alunos do dia do cinedebate, a atividade extensionista cumpriu sua proposta, auxiliando na formação desses acadêmicos e na conscientização para que, no futuro, possam contribuir para a garantia dos direitos das pessoas surdas, prestando um atendimento mais digno e inclusivo à essa população. (Liber, 2014; Oliveira, 2012.)

Referências

ALBRES, N. de A. Ensino de Libras: aspectos históricos e sociais para a formação didática de professores. Curitiba: Appris Editora e Livraria Eireli-ME, 2016.

BRASIL. Lei nº 14.191, de 3 de agosto de 2021. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para dispor sobre a educação bilíngue de surdos. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 3 ago. 2021.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 20 dez. 1996.

KUENBURG, A.; FELLINGER, P., FELLINGER, J. Health care access among deaf people. *Journal of Deaf Studies and Deaf Education*, v. 21, n. 1, p. 1-10, 2016.

LEMOS, S. Mais de 10 milhões de brasileiros apresentam algum grau de surdez. *Jornal da USP*. São Paulo, 21 ago 2023.

LIBER, S. N. O filme “A família Bélier” e a Psicanálise. Site da PUC-SP. São Paulo, abr. 2015.

MAGRINI, A. M.; SANTOS, T. M. M. Comunicação entre funcionários de uma unidade de saúde e pacientes surdos: um problema? *Distúrbios da Comunicação*, v. 26, n. 3, p. 550–558, 2014.

MAZZU-NASCIMENTO, T.; *et tal.* Fragilidade na formação dos profissionais de saúde quanto à Língua Brasileira de Sinais: reflexo na

atenção à saúde dos surdos. *Audiology - Communication Research*, São Paulo, v. 25, e2361, 2020.

MOGADOURO, C. de A. Educomunicação e escola: o cinema como mediação possível (desafios, práticas e proposta). 2011. Tese (Doutorado em Interfaces Sociais da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

OLIVEIRA, P. M. P. de; *et al.* Uso do filme como estratégia de ensino-aprendizagem sobre pessoas com deficiência: percepção de alunos de enfermagem. *Escola Anna Nery*, v. 16, n. 2, p. 297–305, 2012.

PAVÃO, L. F. F. A Necessidade do intérprete de libras nos hospitais e unidades de saúde para qualificar o atendimento ao surdo. O tradutor e intérprete de libras: atuações e considerações, p. 6, 2022.

SÁ, E. C.; TORRES, R. A. T. Cinema como recurso de educação em promoção da saúde. *Revista de Medicina*, v. 92, n. 2, p. 104, 2014.

UBIDO, J.; *et al.* Inequalities in access to healthcare faced by women who are deaf. *Health & social care in the community*, v.10, n. 4, p. 247-253, 2002. Acesso em: 1 jul. 2024.

Filosofia da Saúde: análise de conjuntura e possíveis (re)leituras

Rossano Pecoraro

Professor Associado, Departamento de Filosofia, Centro de Ciências Humanas e Sociais (CCH), UNIRIO, rossano.pecoraro@unirio.br

Introdução

No princípio o Mito criou o céu e a terra (com deusas e deuses, valores, normas, ordens morais, sociais e políticas). Em seguida, entre os séculos VII e VI a. C., em terras banhadas pelo Mediterrâneo, um movimento de ideias rejeita as suas explicações e a elas contrapõe um sistema fundado no *logos* (razão, racionalidade, discurso lógico/argumentativo) ao qual confia a missão de encontrar o princípio primeiro de todas as coisas. Nasce, assim, a Filosofia e com ela a Ciência, o método, a análise empírica e toda forma de investigação racional da realidade. Dentre os setores objetos de sua reflexão há, desde o começo e de maneira constitutiva, o que é possível definir como “científico”: a filosofia explora o sentido do cosmo e da natureza, do mundo físico e das suas leis, da medicina e das doenças, da biologia, do corpo e da mente. O termo mais recente que surge nesse percurso milenar, nem sempre retilíneo e progressivo, é o de saúde. Opondo-se às

abordagens, e às disciplinas, clássicas – “filosofia da ciência”; “filosofia da biologia”, “filosofia da medicina”, etc. – a “filosofia da saúde” (Oliveira & Cândido, 2024; Paul, 2013) se propõe, de modo geral, como uma nova área de conhecimento e pesquisa de caráter transdisciplinar na qual temas e problemas da tradição filosófica ocidental são postos em diálogo com os fundamentos epistemológicos e com as práticas das várias ciências (ou disciplinas) que constituem a “área da saúde”. Nesse horizonte são centrais 1) a crítica à “fragmentação” e à “divisão disciplinar” do “paradigma biomédico positivista”, 2) a necessidade de mudanças radicais no ensino e na pesquisa científica; 3) a interação entre sujeito e objeto, entre paciente e profissionais; 4) a bioética, 5) os conceitos clássicos da área, isto é, “cuidado” e “assistência em saúde”, 6) o desenvolvimento de “competências e habilidades” trans- e multidisciplinares, de natureza reflexivo-crítica, para a “ampliação do perfil do profissional da saúde”, 7) a construção de um novo saber que possa resgatar e afirmar a “complexidade do sujeito”.

Trata-se de um fenômeno global fundamentado na pergunta: o que é a saúde? (e não mais: o que é a doença?) atravessado, porém, por perspectivas filosóficas e exigências científicas, sociais, culturais e éticas bastante diversas, que será possível investigar e comparar de maneira mais sistemática e rigorosa nos próximos anos. De todo modo, o que está em jogo nas várias propostas – que se trate da nossa “filosofia da saúde”, da “philosophy of healthcare” estadunidense, da “filosofia della salute” italiana (ligada à psicologia e à prática clínica) ou da “filosofia de la salud” latino-americana” (na qual se destaca a crítica das concepções hegemônicas nos âmbitos da saúde pública e da ética médica) – é refletir

sobre as relações entre filosofia e saúde levando em consideração a complexidade tecnológica, social e política do Século XXI numa busca não só do tempo perdido, como também de uma mudança de paradigma (quicá no sentido descrito por Thomas Kuhn no livro *A estrutura das revoluções científicas*).

Desenvolvimento

Limitando minha análise ao contexto brasileiro, a expressão “filosofia da saúde” começa a se consolidar no início dos anos 10 em virtude das iniciativas individuais de pesquisadores de várias regiões do País e, sobretudo, da criação, em 2018, do “Grupo de Estudos de Filosofia da Saúde” (GEFS/UNIFESP/CNPq) e, em maio de 2024, a do Grupo de Trabalho (GT) “Filosofia da saúde” no âmbito da ANPOF, a maior e mais representativa instituição filosófica do Brasil. As atividades do GEFS visam consolidar e fundamentar a área de conhecimento “filosofia da saúde”, garantindo sua centralidade e especificidade através da sua aplicação nos diferentes setores da Saúde. Por sua vez, o GT da ANPOF, formado a partir do trabalho das pesquisadoras do GEFS, dedica-se (Anpof, 2024) ao estudo das perspectivas éticas, políticas e epistemológicas que surgem das complexas relações entre filosofia e saúde visando a promoção do bem-estar e do cuidado e a uma produtiva interação entre saberes e disciplinas (medicina, enfermagem, filosofia, humanidades) capaz de fundamentar as atividades de ensino, pesquisa e extensão contribuindo para a formação dos profissionais da área da saúde a partir de uma perspectiva filosófica.

Com o intuito de colaborar para a consolidação do debate sobre esse tema de grande relevância social, científica e acadêmica e, quiçá, traçar possíveis caminhos para a criação de uma disciplina de graduação no âmbito do CCBS/UNIRIO, creio ser necessário destacar alguns pontos teóricos e metodológicos.

O primeiro diz respeito a uma questão clássica – “o que é a filosofia?” (e, portanto, “qual é a tarefa da filosofia?”) – que o pensamento contemporâneo hegemônico, crítico da Modernidade e do Iluminismo, tem liquidado com um desdém ímpar contribuindo para a consolidação da ideia (abraçada pelo senso comum tanto sociocultural como acadêmico) que a filosofia é um “vale-tudo” teórico, uma espécie de gênero literário ou artístico que “ensinaria a pensar” (sic), um marketplace com uma variedade enorme de termos e conceitos (os mais na moda atualmente: ontologia, epistemologia, desconstrução, metafísica, biopolítica, biopoder, fenomenologia, pós-modernidade) que podem ser pegos livremente, tanto para criticá-lo e detoná-los como para utilizá-los em discursos, textos, aulas e conversas de boteco para os mais diferentes fins sem nenhum compromisso com a história milenar que os gerou e até à sua revelia. Uma das consequências mais evidentes desse “espírito do tempo” (Zeitgeist, como diziam os filósofos romântico-idealistas dos séculos XVIII e XIX) são os dois tipos de entendimento que monopolizam, de fato e de maneira até paradoxal, o debate (Oliveira & Cândido, 2024). O primeiro considera a filosofia um saber “fragmentado”, de “intensa especialização”, “historicista”, demasiadamente focado no “cânone” e que trata “apenas de temas abstratos” sem nenhuma “aplicação pontual ou prática”. O segundo, em franca oposição ao primeiro, defende o uso mais livre e

despretensioso de alguma características daquilo que considera o autêntico “fazer filosófico”, como por exemplo, a “interação multiprofissional”, a “amplitude temática”, a aplicação de novas e potentes “estratégias formativas” para o desenvolvimento “de habilidades críticas e éticas”, o uso de práticas para aprender e abordar “questões complexas da saúde com uma perspectiva reflexiva e crítica” na tentativa de “encontrar respostas para as questões do presente”. Trata-se, evidentemente, de entendimentos legítimos. Mas que, sozinhos, não conseguem lutar contra os vícios-mãe do nosso Zeitgeist.

O segundo ponto é relativo à pergunta fundamental – “o que é a filosofia?” – que pode ser respondida de um modo (relativamente) simples e um tanto contracorrente lembrando as suas origens gregas, anatólicas e itálicas. Filosofia e Ciência são o produto mais notável do movimento de ideias que se consolidou no início do século VI a.C. e ao que chamamos de philo-sophia. Ambas se fundamentam no logos, no método, no discurso argumentativo/dialético, na análise racional da realidade e na busca pela verdade e pelo conhecimento. Ambas são adversárias da opinião (doxa) e das explicações da realidade oferecidas pela religião e pela arte. Os termos-chave aqui são emancipação e explicação. Em outras palavras, a filosofia nasce quando o pensamento se emancipa das explicações do mito (da religião e da sabedoria popular) e da arte. Trata-se, atente-se, de explicações e não de ridículos devaneios! O uso desse termo, com efeito, permite dissolver as interpretações sobre a origem adversarial e “despótica” da filosofia (que teria desvalorizado mito, religião e arte empurrando as suas explicações do mundo e de tudo o que nele existe para o abismo do irracional, do absurdo e do insensato). Todo

bom manual de História do pensamento filosófico e científico deixa este ponto muito claro destacando a diferença entre filosofia, arte e religião: “A grande arte e as grandes religiões também visam captar o sentido da totalidade do real, mas elas o fazem, respectivamente, uma, com o mito e a imaginação, outra, com a crença e a fé ao passo que a filosofia procura a explicação da totalidade do real precisamente em nível do logos [razão/racionalidade/discurso racional]” (Reale; Antiseri, 2003).

O terceiro ponto sinaliza a necessidade de trazer novamente a ética – isto é, a reflexão sobre o estar-com o(s) outro(s) – para o âmbito teórico-disciplinar da filosofia. As areias movediças do nosso tempo podem devorá-la. Mas é um risco que precisa ser mensurado e encarado. Caso contrário a ética continuará sendo uma reflexão preambular, por certo importante, mas sempre incompleta e frágil, sobre direito positivo, deontologia, normas profissionais, códigos, comitês técnicos, regras, etc. A ética, com efeito, não é um mero compêndio de condutas morais ou pior uma compilação de princípios teóricos para a ação humana. Ela é, antes de tudo e essencialmente, o primeiro vínculo em que se dá a abertura destinada para a alteridade.

Lembrando as conhecidas palavras de Emmanuel Lévinas: a ética (a “metafísica primeira”) é a capacidade de ser – pura e simplesmente – responsável pelo outro. O que está em jogo aqui é a categoria da responsabilidade diante daquilo que vem primeiro; que vem antes dos meus direitos, da minha liberdade, dos meus interesses, do meu presente e da minha razão. A ética é a responsabilidade, primordial e originária “por outrem”, é o “amor sem concupiscência”, é o “eis-me aqui do eu” totalmente desarmado diante da convocação do rosto do outro, daquele

primeiro que vem “na nudez do seu rosto”. A ética de Lévinas é incômoda porque não só abala as nossas convicções mais profundas, como também rompe com o círculo opressor do pensamento ocidental do ser e da ontologia (acusado de não pensar o outro como relação primeira nem como totalmente outro, já que tende a absorvê-lo em um discurso de poder e domínio articulado pelas exigências do eu). A relação entre seres humanos, portanto, deve ser “assimétrica” no sentido que minha responsabilidade pelo outro não deve ser contaminada pelo interesse ou pela expectativa de uma (impossível) “reciprocidade”. Devo abrir-me ao totalmente outro num “socorro gratuito” antes que a alteridade, escreve o filósofo em *Entre nós*, venha banalizar-se ou ofuscar-se num “simples intercâmbio de bons comportamentos” frutos de um “comércio interpessoal” nos costumes. Seguindo os ensinamentos de Simone Weil – a mais importante (e a mai injustiçada) filósofa do século XX – é necessário pôr no centro da reflexão o conceito de obrigação e, sobretudo, o de amor – incondicional, totalmente outro, gratuito, irreduzível a qualquer cálculo ou interesse. O outro deve ser deixado livre de ser o que ele é em sua alteridade irreduzível e talvez indizível. Isso implica, é claro, no dever absoluto de “o eu” se retrair sem ressalvas ante o aparecimento, a epifania do outro. Baitas lições, creio eu, para todos aqueles que pretendem pesquisar e pôr em prática teorias que tratam de “cuidado”, “saúde coletiva”, “sujeito/subjetividade”, “assistência em saúde”, “ações integradas inter-, trans-, multidisciplinares”, “gestão”, etc.

O quarto ponto diz respeito à necessidade de pensar o/no agora. É o presente que é decisivo, não o futuro. Demagogos, populistas, doutrinadores e afins amam utilizar de maneira mística e ritual a fórmula

de um “futuro melhor” para manipular, controlar, oprimir. Mas atente-se: o futuro se idealiza e se projeta exclusivamente no presente, a partir do presente em seu diálogo crítico com o passado. Revoluções e transformações radicais se dão no “tempo de agora”. E ponto final. O grande problema, é claro, é o que fazer e como fazê-lo. Não há respostas prontas. Mas acredito que nada é possível sem uma nova racionalidade social, uma outra ética e u outro saber. Nada é possível, por exemplo, se não encontramos a coragem de dizer a verdade (parresia) que uma parte da tradição greco-romana nos ensinou; se não conseguimos quebrar as correntes da “servidão voluntária” (no sentido de Étienne de la Boétie) que anestesiam nossos corpos e nossas mentes; se não lutamos contra o “tudo-vale” (filosófico, ético, social, cultural) que a terceira geração dos “pós-modernos” europeus e norte-americanos continua nos empurrando goela abaixo; se não impomos limites ao delírios de onipotência técnico-científico-médicos; se não refletirmos urgentemente, como escrevia Hans Jonas, sobre a “imagem do homem” e sobre o que é humanamente desejável na época de “Prometeu desacorrentado”; se não nos engajamos, desde já, na criação de uma paideia contemporânea – formação e educação humana, melhor ainda, o fim em si da educação, o ideal de perfeição moral, cultural e civil a que todo ser humano deve almejar – e que, no horizonte de uma filosofia da saúde do/no Brasil pode se tornar, de acordo com a proposta de Gastão Campos, um método ou uma concepção para abordar de uma outra forma a educação, a cogestão de coletivos e as relações entre saúde, cultura e subjetividade.

Considerações finais

As ponderações e as perspectivas expostas buscam destacar com clareza a importância e a necessidade de um setor de pesquisa formação e intervenção que faça interagir de maneira fecunda e crítica – evitando, portanto, as áridas “geleias” (a expressão é de Gastão Campos) – o saber filosófico e o saber científico/profissional produzido pelos vários âmbitos de estudo e ação que compõem a área da saúde (in primis, medicina, enfermagem, nutrição).

Referências

ANPOF. G. T. Filosofia da saúde. Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia, 2024..

CAMPOS, G. Saúde Paideia. São Paulo, e. 4 , 2013.

OLIVEIRA, A. I.; CÂNDIDO, C. V. O Ensino em Saúde e a Filosofia: Especificidades e Perspectivas da Filosofia da Saúde. In: Poliética. São Paulo, v. 12, n. 2, p. 13-33, 2024.

PAUL, P. Saúde e Transdisciplinaridade: A Importância da Subjetividade nos Cuidados Médicos. São Paulo: Editora da USP, 2013.

PECORARO, R. A filosofia do século XX está falida; é preciso uma paideia contemporânea. IHU On-line, out. 2020.

PECORARO, R.; MOREIRA, R. F. A.; CORRÊA, V. de A. F. Apontamentos sobre extensão, cuidado e alteridade. Deu Cultura, Ética e Saúde! Movimentando o Rio através da extensão universitária.. Curitiba: CRV, 2024.

REALE, G.; ANTISERI, D. História da filosofia. São Paulo: Paulus, v. 1, 2003.